

ACTIVARE

EDIÇÃO 09

Junho 2026

GRÁTIS



A situação económica do Irão tornou-se um dos problemas mais complexos da política internacional. Ao longo de 47 anos, o regime de Teerão tem tentado equilibrar a sua sobrevivência, o investimento militar e a estabilidade interna, mas a realidade nas ruas revela um cenário de desespero para milhões de pessoas. A crise atual agravou-se com os ataques de junho de 2025 e atingiu um ponto crítico em março de 2026, demonstrando de forma clara a fragilidade de um modelo político e financeiro. Décadas de sanções internacionais, o financiamento contínuo de milícias e o abandono progressivo dos seus aliados destruíram por completo o poder de compra, empurrando a população local para a pobreza extrema.

Irão: O Preço de 47 Anos de uma Estratégia Regional

10. O Grande Filtro O Século que Decidirá o Fim da Humanidade

Tudo começou com uma simples pergunta: "quantos anos irá durar a nossa civilização?", uma pergunta que se torna crucial perante o risco real de um colapso tecnológico e climático

A Lua e o Futuro no Espaço

Conheça as dificuldades enfrentadas pelos cientistas e astronautas no plano que visa estender a vida humana além da Terra

Neoliberalismo, a ilusão do Estado Mínimo

Descubra o que é o neoliberalismo, e como esta doutrina busca redefinir o papel do Estado na sociedade

O que é o Neoliberalismo, a ilusão do Estado mínimo



A Primeira-Ministra britânica Margaret Thatcher e o Presidente norte-americano Ronald Reagan foram responsáveis pela consolidação do neoliberalismo mundial durante a década de 1980.

O nascimento de uma ideia

Para entender o neoliberalismo, é preciso recuar ao pós-guerra da Segunda Guerra Mundial. Durante décadas, o mundo ocidental foi dominado pelas ideias do economista John Maynard Keynes, que defendia um Estado forte, capaz de intervir na economia para evitar crises e garantir o pleno emprego (o chamado Estado de Providência).

No entanto, na década de 1970, o mundo enfrentou uma crise sem precedentes: a estagflação (estagnação económica combinada com alta inflação), provocada em grande parte pelos choques petrolíferos. Para muitos, o modelo keynesiano parecia ter esgotado as suas respostas.

O conceito de neoliberalismo tornou-se central para compreender como o mundo atual funciona. Hoje este termo é usado mais como um ataque do que como um elogio. O debate público confunde frequentemente o liberalismo clássico com o neoliberalismo.

Enquanto os partidos de esquerda usam o termo "neoliberal" para criticar a ideia de que o mercado deve mandar em tudo, quem defende o mercado livre rejeita o rótulo. Estes últimos preferem chamar-se apenas de "liberais" e argumentam que a palavra "neoliberal" é só uma ofensa inventada pelos seus opositores.

Ainda assim, o termo continua a ser usado para definir duas realidades. À direita, a versão original de Margaret Thatcher e Ronald Reagan que uniram as suas economias de mercado aos valores tradicionais e à ordem pública.

Já à esquerda, nos anos 90, líderes como Tony Blair aceitaram a economia globalizada, mas focaram-se na defesa de causas progressistas como o feminismo e os direitos LGBTQIA+.

Em termos simples, o neoliberalismo é uma corrente de pensamento económico e político que defende a redução da intervenção do Estado na economia.

Foi neste cenário de crise que as teorias de economistas como Friedrich Hayek e Milton Friedman ganharam força. Eles argumentavam que o Estado tinha crescido demasiado, sufocando a economia com impostos altos e excesso de regulação.

Na década de 1980, estas ideias saltaram da teoria para a prática através de dois líderes políticos marcantes:

Margaret Thatcher no Reino Unido e Ronald Reagan nos Estados Unidos. Juntos, implementaram políticas que se tornariam os pilares do neoliberalismo global, a privatização de empresas públicas, a desregulação dos mercados, o corte na despesa pública e a promoção do comércio livre internacional.

ACTIVARE

O JORNAL QUE DESPERTA A SUA MENTE

www.jornalactivare.com

Instagram
@portalactivare

Facebook
@portalactivare

O Neoliberalismo em Portugal

A história do neoliberalismo em Portugal tem contornos muito particulares, fortemente marcados pela nossa história recente. Após a Revolução de 25 de Abril de 1974, Portugal seguiu um caminho inverso. O período do PREC foi marcado por nacionalizações em massa e pela criação de um forte Estado Social.

As mudanças começaram a acontecer no final da década de 1980. Com a adesão de Portugal à CEE (atual União Europeia) em 1986, o país precisava de modernizar a sua economia e abrir os seus mercados.

Mais tarde, durante os governos de Aníbal Cavaco Silva, iniciou-se um vasto programa de privatizações de empresas que haviam sido nacionalizadas em 1975, acompanhado por uma liberalização dos mercados financeiros e laborais.

O momento mais intenso de aplicação de políticas de mercado livre em Portugal ocorreu durante a crise das dívidas soberanas. Em 2011, à beira da bancarrota, Portugal pediu ajuda externa à Troika (FMI, Banco Central Europeu e Comissão Europeia).

O acordo assinado exigiu a aplicação de medidas liberais muito rígidas. O plano incluiu cortes profundos na despesa pública, o aumento de impostos, a venda de empresas estratégicas como a EDP, a REN, os CTT e a ANA Aeroportos, além de criar leis de trabalho mais flexíveis.

Hoje, o neoliberalismo continua no centro da discussão, mas muitos analistas defendem que estamos a viver um período de transição. Enquanto os defensores do mercado apontam para a criação de riqueza e inovação tecnológica, os críticos alertam para o aumento das desigualdades e a degradação dos serviços públicos.

Se as soluções do passado parecem insuficientes para os problemas de hoje, o grande desafio atual passa por encontrar um novo ponto de equilíbrio, como garantir uma economia competitiva sem abdicar de um Estado que proteja os mais vulneráveis.



Aníbal Cavaco Silva em campanha eleitoral na década de 1980. Os seus governos ficaram marcados pela adesão à CEE e pela abertura de Portugal à economia de mercado.



Capa do jornal Diário de Notícias de março de 2013, que representa a manifestação "Que se lixe a Troika" no Terreiro do Paço. O impacto social das medidas de austeridade criou uma das maiores vagas de protestos populares da história da Terceira República portuguesa.



No final dos anos 90, a "Expo 98" simbolizou a modernização de Portugal e a sua abertura definitiva ao investimento global e à economia de mercado.

Artur Alves Reis O Génio Burlão que Abanou um Império

*100 anos após o caso do Banco
Angola e Metrópole*

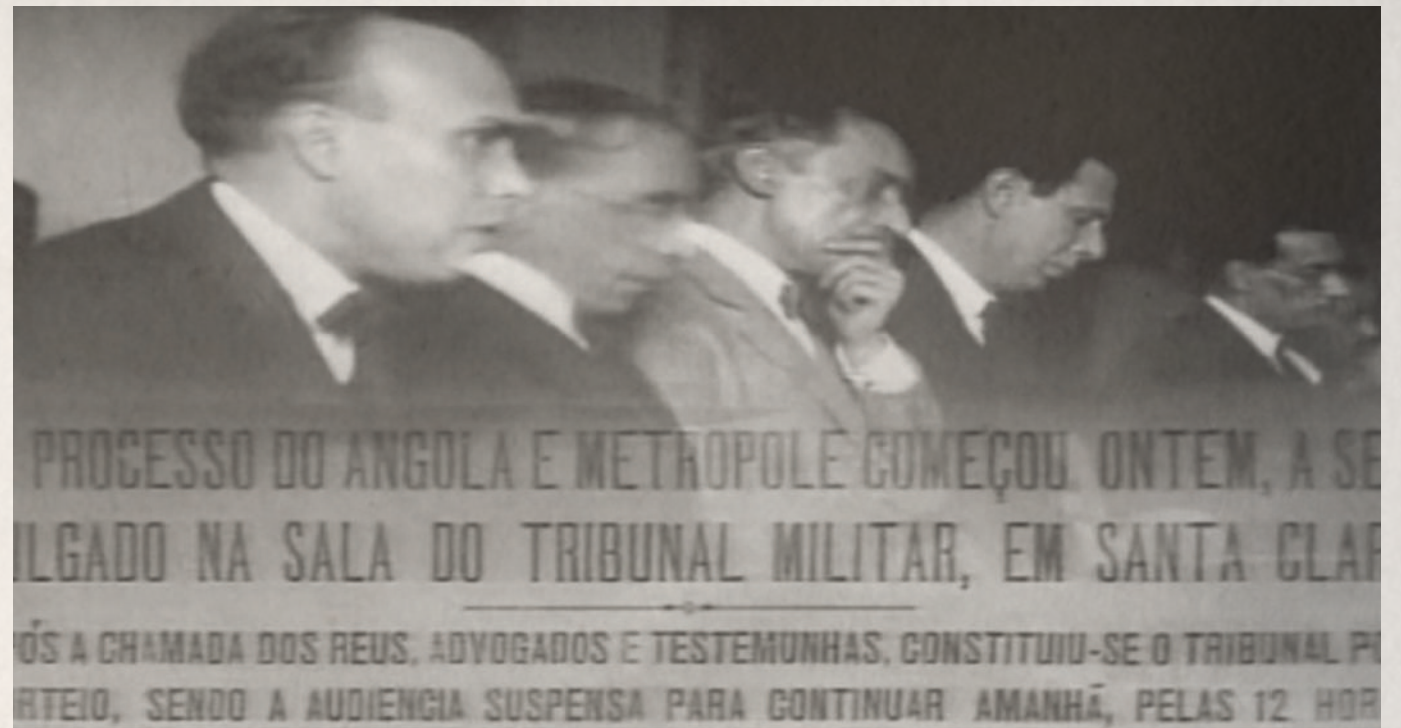
Artur Virgílio Alves Reis não foi um vigarista qualquer. Numa época em que Portugal tentava encontrar estabilidade, este homem de inteligência acima da média criou um plano tão audacioso que parecia impossível, convencer a empresa que imprimia as notas oficiais do Estado português a imprimi-las para si, acreditando que estava a seguir ordens do Banco de Portugal.

Tudo começou em 1924, quando Alves Reis apresentou um contrato com selos forjados em nome do Governador do Banco de Portugal que autorizava uma emissão extraordinária de 580 mil notas de 500 escudos para circular em Angola.

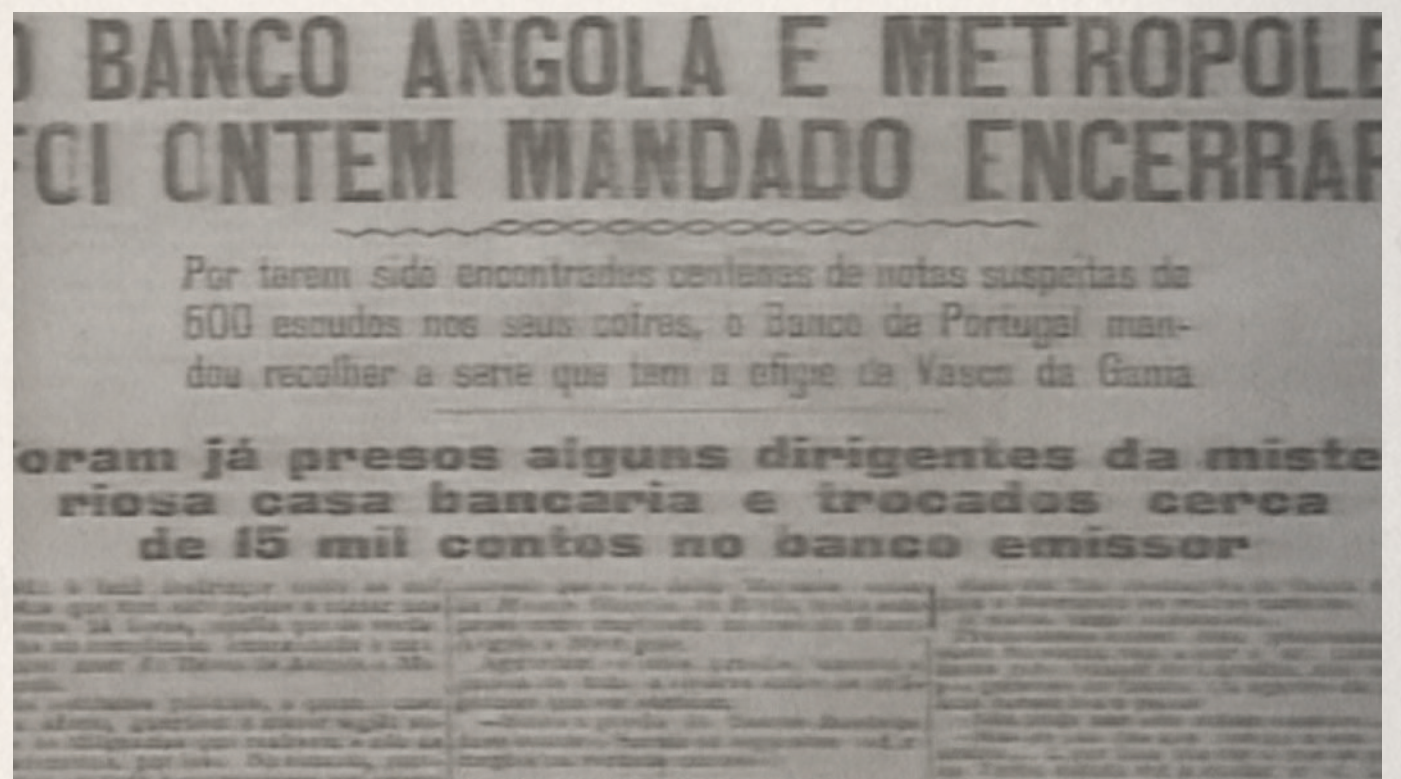
O plano era brilhante, as notas eram tecnicamente verdadeiras, eram impressas com as chapas originais e no papel oficial, mas com os números de série duplicados. Com os seus cofres cheios de dinheiro, fundou o Banco Angola e Metrópole, infiltrando-se na alta sociedade e comprando empresas, propriedades e influência política.

Um dos objetivos de Alves Reis era comprar o próprio Banco de Portugal, para que pudesse legalizar o seu crime sem ser descoberto. O castelo de cartas começou a cair quando o jornal 'O Século' estranhou a facilidade com que o banco de Alves Reis concedia empréstimos a juros baixos e a abundância de notas novas em circulação.

Uma inspeção minuciosa à filial do Porto do Banco Angola e Metrópole detetou finalmente notas com números de série repetidos, expondo a maior fraude da história financeira portuguesa. A 6 de dezembro de 1925, Alves Reis foi preso e o seu banco foi encerrado.



Alves Reis e os restantes arguidos no banco dos réus durante o julgamento do Banco Angola e Metrópole que aconteceu no dia 6 de Maio de 1930



Notícia do jornal "A Epoca" do dia 8 de dezembro de 1925, mostrando o encerramento do Banco Angola e Metrópole



Notícia do Caso Angola e Metropole, alguns dias após Alves Reis ser preso, em dezembro de 1925 ainda não se sabia a dimensão do escândalo

O escândalo não só arruinou a confiança que se tinha na moeda, como destruiu a pouca confiança que se tinha no Estado e foi um dos principais motivos que derrubaram a Primeira República meses depois.

Apesar de Portugal ter assistido a colapsos recentes como o BPN, o BES ou o Banif, o caso de Alves Reis continua, um século depois, a ser o mais devastador da nossa história, porque ao contrario dos casos modernos, que resultaram de má gestão ou ocultação de dívidas, Alves Reis simplesmente convenceu o Estado a criar a sua própria fortuna e com ela, tentou comprar o Banco de Portugal para legalizar o seu crime.

Como enfrentar os primeiros dias de um apagão

O que podemos aprender com o Caso Ibérico de 2025



28 de abril de 2025 - Imagem de satélite mostra Portugal e Espanha às escuras, enquanto o sistema europeu funcionava sem interrupções.

Na manhã do dia 14 de abril de 2025, Portugal e Espanha mergulharam num apagão que paralisou a Península Ibérica durante 24 horas. Este evento provou que a nossa dependência elétrica é total mas também nos ensinou que a preparação faz toda a diferença.

No início, a grande maioria das pessoas pensava que se tratava de uma falha local, no entanto o problema vinha do sul de Espanha. Devido a picos de tensão e oscilações, os mecanismos de segurança isolaram a Península Ibérica para evitar um apagão a nível europeu. Em menos de 90 segundos, Portugal e Espanha ficaram às escuras.

Embora Portugal produza energia suficiente, estávamos a importar eletricidade vinda de Espanha por ser mais barata naquele momento. A falha propagou-se de tal forma que as proteções nacionais desligaram todo o sistema antes que existissem danos irreversíveis nas infraestruturas..

O que se seguiu foi um teste à resiliência das cidades modernas. Sem eletricidade, as bombas de água pararam, os semáforos apagaram-se, os pagamentos eletrónicos deixaram de funcionar e alguns hospitais enfrentaram falhas críticas quando os seus geradores começaram a falhar.

A primeira lição do apagão de 2025 foi a importância de ter um kit de emergência em casa.

Este Kit de emergência deverá ter sempre, lanternas a pilhas ou a dínamo (que criam energia ao rodar uma manivela) se possível evitar o uso de velas, devido ao elevado risco de incêndio. É fundamental garantir água potável (cerca de três litros por pessoa ao dia) e alimentos de longa duração que não precisem de ser cozinhados, como conservas e frutos secos.

Além disto, quando a internet e as redes móveis falham, um rádio a pilhas torna-se praticamente a única forma de receber informações oficiais da Proteção Civil. Se for possível mantenha as powerbanks (baterias portáteis) carregadas, visto que poderá usar para manter o telemóvel carregado para realizar chamadas de emergência para o 112, que normalmente funciona mesmo quando a rede móvel falha.

Quando a energia falha, a calma é a melhor aliada. É crucial manter o frigorífico e o congelador fechados. Um congelador cheio pode manter os alimentos seguros durante cerca de 48 horas se a porta não for aberta, enquanto no frigorífico os alimentos aguentam cerca de quatro horas.

Se o apagão começou enquanto estava na rua, deverá ter atenção redobrada, porque sem energia os semáforos não vão estar a funcionar. Neste cenário, a água torna-se na prioridade máxima. As torneiras secam em poucas horas e a água parada cria bactérias rapidamente, assim sendo é obrigatório ferver toda a água que irá consumir. O saneamento básico também não vai estar a funcionar, logo será necessário criar soluções improvisadas e ter uma higiene rigorosa para evitar doenças como a cólera, febre tifoide, hepatite A e a giardíase.

A segurança torna-se uma preocupação real, sendo aconselhável manter um perfil discreto para evitar atenções desnecessárias. A nossa sociedade é extremamente frágil sem energia e a preparação faz toda a diferença.

O Renascimento Lunar, O Sucesso da Artemis II e o Futuro no Espaço



Cartaz da Artemis II - O vislumbre de um futuro onde os limites da nossa existência deixam de ser traçados na Terra e passam a ser medidos pela nossa coragem de explorar o universo.

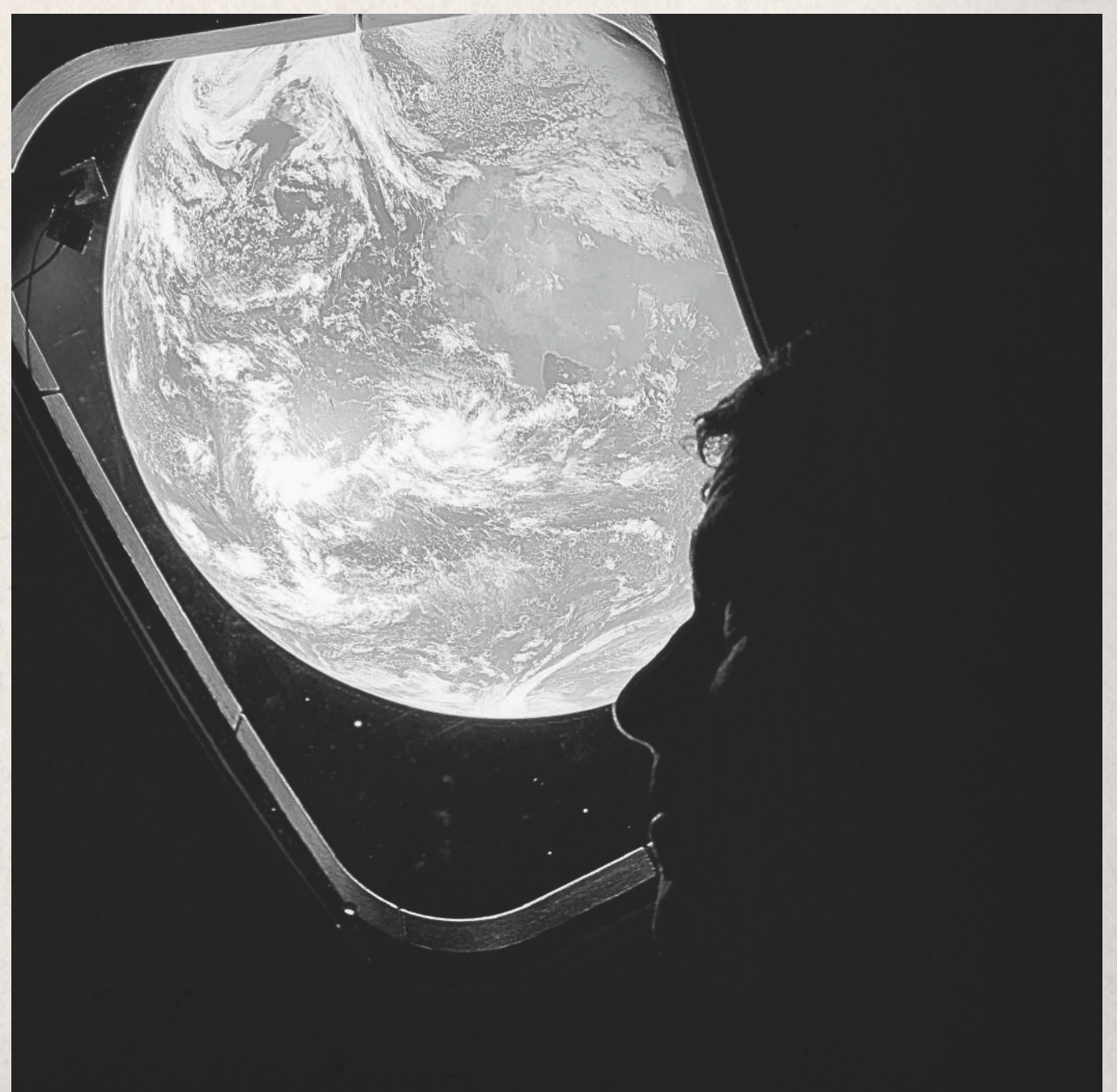
A tripulação fez história ao alcançar a órbita lunar e atingir uma distância recorde da Terra, pavimentando o caminho para o regresso à superfície. Após suportar temperaturas extremas na reentrada atmosférica, a cápsula amareou com segurança no Oceano Pacífico, validando por completo todos os sistemas de suporte de vida.

Em linha com a nova e agressiva estratégia da agência espacial, os planos sofreram uma profunda reformulação estrutural. Numa reviravolta histórica, a NASA decidiu cancelar o projeto da estação espacial orbital Gateway e redirecionar os seus componentes e orçamento diretamente para o solo lunar, acelerando a fixação humana na superfície. O plano para as próximas missões estabilizou com metas muito claras, começando com a Artemis III, agendada para finais de 2027.

Já dizia o escritor francês Anatole France que “a maravilha não é que o universo seja tão vasto, mas sim que o homem o tenha medido”. Este princípio, que recentemente ganhou imensa popularidade ao abrir a narrativa da aclamada obra de ficção científica “Starfield”, que descreve na perfeição o momento histórico que vivemos hoje no mundo real.

A última vez que o homem pisou na Lua foi na missão Apollo 17, em 1972. Contudo, passados mais de cinquenta anos, os incentivos do governo americano, a colaboração da NASA com parceiros europeus, canadianos, japoneses e empresas privadas como a SpaceX e a Blue Origin, preparam o regresso definitivo através do Programa Artemis. O grande objetivo é enviar novamente seres humanos ao nosso satélite natural e construir bases lunares permanentes.

De momento, o programa é composto por onze missões planeadas, sendo que as duas primeiras etapas (Artemis I e Artemis II) já foram concluídas com sucesso. O primeiro passo tripulado aconteceu no passado dia 1 de abril de 2026 com o lançamento da Artemis II.



4 de abril de 2026 - O astronauta da NASA e comandante da Artemis II, Reid Wiseman, espreita por uma das janelas da nave Orion, olhando para a Terra, enquanto se dirige à Lua.

Nesta missão, os astronautas a bordo da cápsula Orion irão testar novas tecnologias e os sistemas de acoplamento com os landers comerciais (Starship e Blue Moon) diretamente na órbita baixa da Terra.

No entanto, o calendário enfrenta agora uma enorme pressão técnica, após a recente e catastrófica explosão do foguetão “New Glenn” da Blue Origin na Florida e as falhas de motores que levaram à suspensão temporária dos voos da nova “Starship V3” da SpaceX.

De acordo com o calendário oficial da NASA, a Artemis IV irá acontecer alguns meses após a Artemis III, no início de 2028. Esta será a missão que vai levar o ser humano de volta à Lua após mais de 50 anos, desta vez para aterrar na região do Polo Sul.

A Artemis V e as missões seguintes irão marcar o início dos desembarques anuais para a construção das infraestruturas físicas da primeira colónia terrestre na Lua, permitindo ganhar a experiência necessária em missões de longa duração para o próximo passo, a primeira missão humana a Marte, estimada para a década de 2040, após a conclusão do programa Artemis.

Ao contrário do programa Apollo, que era financiado exclusivamente pelos Estados Unidos (EUA), o programa Artemis nasce de uma grande aliança internacional, contando inclusive com o envolvimento da indústria tecnológica portuguesa.

A Lua já não é o destino final, mas sim um laboratório e um trampolim tecnológico obrigatório para que a humanidade possa, um dia, dar o grande salto em direção aos desertos de Marte. A audácia humana continua a provar que o verdadeiro milagre não reside na imensidão do céu, mas sim na mente de quem o decifra.



A cápsula Orion regista a Lua e a Terra em simultâneo no dia 6 de abril de 2026, na missão Artemis II.



Astronautas da Artemis II, são retirados da cápsula Orion que amou no Oceano Pacífico próximo a San Diego às 17h07 no dia 10 de abril. (Horário de Lisboa: 01:07 do dia 11 de abril)



Painel oficial da NASA destaca a tripulação da Artemis II, os testes de engenharia em terra e a cápsula Orion no espaço profundo, ilustrando a tecnologia que prepara a humanidade para habitar o satélite natural.

ACTIVARE

O JORNAL QUE DESPERTA A SUA MENTE

As maiores curiosidades do mundo, todas as dúvidas que você teve um dia finalmente esclarecidas

Facebook e Instagram: @portalactivare

TIPARTE

TIPOGRAFIA - PUBLICIDADE

253 666 400
969 267 238

Rua Dr. Agostinho Moutinho
Nº81 - Refojos

tiparte@gmail.com

4860-361 Cabeceiras de Basto

NOSSO CAFE
Est. 1994

[FORJA]

BARBERSHOP

By *Bruno Gomes*

Gentleman Salon
By MIRO and SARDINHA

gentleman_salon1

RISZARD TATTOO

riszardtattoo

MM
Marta Magalhães

CLÍNICA DE ESTÉTICA

Salada de Pepino com Iogurte e Cominhos

INGREDIENTES:

- 2 pepinos grandes
- 250 ml de iogurte natural (não açucarado)
- 1 colher de sopa de azeite
- 2 colheres de chá de sumo de limão
- 1/2 colher de chá de cominhos em grão
- 1/2 colher de chá de coentros moídos
- 1/4 colher de chá de pimenta (uma pitada)
- Sal q.b. (quanto baste)

Modo de Preparação:

1. Numa frigideira pequena, aqueça o azeite e doure os grãos de cominho até libertarem aroma. Deixe arrefecer.
2. Descasque os pepinos e corte-os em rodela muito finas.
3. Numa tigela, junte todos os ingredientes, incluindo o azeite com os cominhos, retifique o sal e misture bem. Deverá servir frio.

QUIZ ACTIVARE - Questões Rápidas

01 Quem consolidou o neoliberalismo a nível mundial na década de 1980?

A) Blair e Keynes B) Thatcher e Reagan C) Cavaco e Passos D) Hayek e Friedman

02 Qual era o principal objetivo de Artur Alves Reis ao criar a sua fortuna em 1924?

A) Fugir para o Brasil B) Comprar o jornal 'O Século' C) Controlar o país D) Comprar o Banco de Portugal

03 Que paradoxo questiona por que ainda não encontramos provas de vida extraterrestre?

A) De Drake B) De Fermi C) De Olbers D) De Hubble

As respostas encontram-se na página 15

Sabedoria Popular: O Calendário de Junho

PROVÉRBIOS DE JUNHO		DIAS COMEMORATIVOS	
<p>1 - Junho calmoso, ano formoso.</p> <p>2 - Junho chuvoso: ano perigoso.</p> <p>3 - São Pedro chuvoso, trinta dias perigoso</p> <p>4 - Em junho, foice no punho.</p> <p>5 - Em junho, perdigotos como punho.</p> <p>6 - Feno, alto ou minguado, em junho é segado.</p> <p>7 - Em junho abafadiço, fica a abelha no cortiço.</p> <p>8 - Se chover pelo São João, não haverá nozes nem pão.</p>		<p>1 Dia Mundial da Criança</p> <p>5 Dia Mundial do Ambiente</p> <p>8 Dia Mundial dos Oceanos</p> <p>10 Dia de Portugal de Camões e das Comunidades Portuguesas</p> <p>13 Santo António (Lisboa)</p> <p>14 Dia do Dador de Sangue</p> <p>21 Solstício de Verão</p> <p>24 São João (Porto)</p> <p>29 São Pedro</p>	
FASES DA LUA			
☉ Quarto Minguante 8 Junho	● Lua Nova 15 Junho	☽ Quarto Crescente 21 Junho	○ Lua Cheia 29 Junho
SANTOS POPULARES	<p>13 de Junho — Santo António. Marchas populares, manjericos e casamentos.</p> <p>24 de Junho — São João. Fogueiras, balões, martelinhos, manjericos e sardinhas.</p> <p>29 de Junho — São Pedro. Fogueiras, caldo verde, vinho, balões de ar quente e o jogo do panelo (Vila Real)</p>		
A HORTA EM JUNHO		SABEDORIA DOS ANTIGOS	
<p>Semear: feijão-verde, pepinos, abóboras, curgete, melões e melancias.</p> <p>Colher: morangos, cerejas, ervilhas, favas, alfaces e cebolas.</p> <p>Cuidados: regar ao final da tarde, preparar tutores para tomateiros e feijão de trepar. Podar ervas aromáticas para estimular crescimento.</p> <p>Atenção: vigiar pragas de piolhos e caracóis. Cobrir a terra ajuda a reter humidade.</p>		<p>As ervas colhidas na noite de São João eram tidas como milagrosas, alecrim, rosmaninho e cidreira, postas debaixo da almofada, traziam sonhos reveladores do futuro.</p> <p>Saltar a fogueira de São João garantia saúde para o ano inteiro. Quanto mais alta a chama, maior era a proteção.</p>	

Consultório da Medicobra Seguros

O que cobre o seguro contra todos os riscos?

Não existe nenhum seguro que cubra literalmente tudo. O termo "danos próprios" no seguro automóvel é o mais próximo disso, mas mesmo estes seguros têm exclusões e limites de capital definidos na apólice.

.01

.02 O que são exclusões da apólice?

Exclusões são situações, bens ou riscos que o seguro não cobre em nenhuma circunstância. Estão sempre escritas nas condições particulares ou gerais do contrato, e um exemplo comum é a condução sob o efeito de álcool, negligência grave ou dolosa.

Posso cancelar o seguro a qualquer momento?

O cancelamento de um contrato de seguro obedece a prazos legais. A seguradora deve ser avisada com antecedência e por escrito, sendo que cancelamentos antecipados só são aceites por venda da viatura ou outra justa causa, como viatura sinistrada para abate.

.03

O Grande Filtro: Conseguiremos Sobreviver aos Próximos 100 Anos?



Relógio do Apocalipse ajustado para 85 segundos reflete a crescente preocupação com o futuro do planeta.

Tudo começou com uma simples pergunta: "quantos anos durará a nossa civilização?". Em 2026, esta dúvida tornou-se o foco de um debate urgente. A cada ano que passa, cientistas, filósofos, astrónomos e biólogos alertam para a possibilidade de várias catástrofes globais que poderão resultar na extinção do ser humano.

Especialistas e investigadores de riscos globais não apontam um ano exato para o fim da civilização, mas calculam as probabilidades com base em diferentes ameaças. A grande conclusão da comunidade científica mundial revela que o fim físico do planeta Terra já tem uma data estimada pela astronomia, mas o colapso da humanidade pode acontecer muito antes devido a fatores climáticos ou tecnológicos criados pelo ser humano.

A maioria dos modelos como o "Argumento do Juízo Final", a "Equação de Drake", ou o modelo "World3" que simula o colapso global por excesso de população e consumo, divide as previsões em janelas de tempo, sendo que o conceito do Grande Filtro ganha um destaque alarmante quando analisamos o século 21.

Os Próximos 100 Anos

Os próximos cem anos são considerados o período de maior risco para a continuidade da história humana devido às ameaças criadas pela própria tecnologia e as atividades do ser humano. Atualmente o Relógio do Juízo Final, um indicador simbólico gerido por cientistas atômicos, foi ajustado em janeiro de 2026, devido ao perigo permanente de uma guerra nuclear, das mudanças climáticas descontroladas e da desinformação maliciosa.

Inquestionavelmente, a maioria dos astrofísicos, como o astrónomo Martin Rees, defende abertamente que a probabilidade de a nossa civilização colapsar antes do ano 2100 é de cerca de 50%, caso os avanços tecnológicos não sejam

rigidamente controlados a nível internacional. Estes cenários de crise avançam a um ritmo muito mais rápido do que a nossa capacidade de regulação e resposta.

Os investigadores estimam também que o aparecimento de superinteligências desalinhasdas com os interesses humanos, capazes de pensar, aprender, replicar e de se reprogramar, poderão colocar a sobrevivência da civilização em risco.

Além disto, a biotecnologia é capaz de forma alarmante criar microrganismos em laboratório mais letais do que qualquer vírus natural, isto representa uma ameaça biológica que exigirá uma resposta global coordenada nas próximas décadas.

A par destas ameaças tecnológicas e biológicas, as alterações climáticas que devem atingir um ponto de não retorno neste século, desencadeando um efeito de dominó geopolítico. A perda massiva de terras cultiváveis e a escassez de água potável irão provocar deslocamentos populacionais em massa e aumentar o risco de conflitos e guerras civis.

Vários astrofísicos relacionam estes riscos com a hipótese do Grande Filtro, que sugere que muitas civilizações inteligentes se autodestroem logo após atingirem um elevado nível tecnológico. Assim sendo, sobreviver ao próximo século sem colapsar ditará o sucesso da nossa existência no futuro. Com todas estas ameaças existenciais, a exploração espacial surge como o caminho ideal para reduzir ou eliminar completamente os maiores riscos que enfrentamos.

A mineração de asteroides, como o "16 Psyche", poderá fornecer recursos suficientes para sustentar a economia global durante gerações, reduzindo o impacto ambiental da indústria terrestre. A energia solar espacial permitiria captar energia contínua no espaço e transmiti-la para a Terra, ultrapassando limitações naturais como a noite e o estado do tempo.

A colonização da Lua e de Marte representa a evolução natural e lógica da espécie humana. Ao mesmo tempo, a defesa planetária, demonstrada pela missão DART da NASA, já provou que é possível alterar a trajetória de asteroides potencialmente perigosos.

Se o mundo continuar a tratar o espaço como um "projeto secundário" e não como uma evolução natural e urgente, corremos o risco real de dar razão a obras da ficção científica. Em "Deliver Us The Moon" e "Deliver Us Mars", vemos como a humanidade só recorre ao espaço após crises energéticas e ambientais graves, tornando a expansão espacial uma resposta tardia em vez de preventiva.

Além disto, a nossa jornada rumo ao espaço dependerá inevitavelmente de sistemas autónomos avançados, onde a inteligência artificial será vital para gerir o futuro fora da Terra. Contudo, este cenário replica os riscos reais da automação e do controlo tecnológico retratados em "Detroit: Become Human", mostrando que qualquer falha ou desalinhamento criará um colapso tanto no espaço como na Terra.

O nosso destino não se decide na capacidade de criar soluções, mas sim na agilidade com que as conseguimos pôr em prática. O verdadeiro desafio será agir antes que a janela de oportunidade se feche.

Ao mesmo tempo, a nossa civilização está vulnerável devido à fragilidade da sua rede digital e elétrica. Tempestades solares extremas ou ciberataques em grande escala contra satélites e bancos poderão paralisar nações inteiras durante meses.



Missão Psyche. Conceito artístico da sonda da NASA que vai explorar o asteroide metálico com o mesmo nome, situado entre Marte e Júpiter.



As cheias no Brasil em 2024. O agravamento anual destas catástrofes climáticas serve de aviso, se os países em desenvolvimento já sofrem este impacto, os de primeiro mundo, não poderão escapar.



As cheias em Leiria (fevereiro de 2026). O impacto das tempestades e o subsequente colapso elétrico regional demonstram que as infraestruturas dos países de primeiro mundo partilham da mesma vulnerabilidade perante a crise climática global.



Um grupo de bandeiras do Irão, um símbolo que representa a identidade teocrática estabelecida após a Revolução de 1979

Irão, O Preço de uma Estratégia Regional

O peso das sanções, o financiamento de milícias e o abandono (total ou parcial) dos seus aliados destruíram o poder de compra, empurrando a população para a pobreza extrema.

A situação económica do Irão tornou-se um dos problemas mais complexos da política internacional. O regime de Teerão tenta equilibrar a sua sobrevivência, o investimento militar e a estabilidade interna. Contudo, a realidade nas ruas revela um cenário de desespero para milhões de pessoas. A crise atual do Irão agravou-se com os ataques iniciados em junho de 2025 e ficou ainda mais grave em março de 2026.

Estes acontecimentos demonstraram de forma clara a fragilidade de um modelo político e financeiro. Após décadas de sanções internacionais, aliadas a uma inflação cada vez maior, destruíram por completo o poder de compra da população local. As decisões dos últimos 47 anos focaram-se principalmente em manter a influencia militar na região, ignorando o bem-estar do povo.

Para entendermos a situação atual, é necessário recuar ao final da década de 1960. Antes da Revolução Islâmica de 1979, o Irão era uma das economias com o crescimento mais rápido daquela época, impulsionado pelas vastas reservas de petróleo e por uma modernização acelerada.

O país chegou a ser a 17.^a maior economia global, superando a Arábia Saudita, a Turquia e Israel. Contudo, a riqueza concentrou-se principalmente nas elites ligadas ao governo, enquanto a inflação do final dos anos 1970 sufocou a classe média e os comerciantes, criando a revolta que os fundamentalistas usaram a seu favor para subir ao poder.

Com a mudança de governo em 1979, a guerra com o Iraque na década de 1980 e a constante rivalidade com o Ocidente ditaram o início de um longo declínio. Ao longo das últimas décadas, o país enfrentou diversas vagas de sanções internacionais devido ao seu programa nuclear e ao financiamento de grupos políticos e paramilitares no exterior como por exemplo o Hamas na Faixa de Gaza, os Houthis no Iémen, o Hezbollah no Líbano, a Jihad Islâmica na Palestina, e várias milícias xiitas em todo o médio oriente.

O que no passado foi uma nação com potencial para ser a grande potência económica da região, transformou-se numa economia fechada, isolada e dependente de mercados paralelos.

Vítimas das Mudanças, O Peso de 47 Anos de Crise

Hoje, o impacto deste isolamento na vida dos iranianos é insustentável. A moeda nacional, o rial, perdeu praticamente todo o seu valor. Para se ter uma noção do abismo financeiro, dez milhões de riais iranianos equivalem hoje a 6 euros e 52 cêntimos. Para contornar esta inflação crescente, a população recorre ao Toman, uma unidade informal de uso diário que dita os preços na rua cortando um zero ao rial, funcionando como o verdadeiro motor do comércio local.

Produtos básicos como a carne, o leite ou até mesmo o pão transformaram-se em artigos de luxo inacessíveis. A classe média desapareceu, empurrada à força para a pobreza. A esta asfixia financeira juntaram-se os cortes frequentes de eletricidade e a escassez de água potável em várias regiões. O resultado tem sido uma onda de protestos em massa, liderados por uma juventude que sente que o seu futuro e propósito de vida foram roubados.

O que mais revolta a população é o contraste enorme entre a miséria interna e a riqueza despendida no exterior. Apesar da crise profunda, o regime de Teerão manteve durante anos o seu apoio financeiro e logístico a aliados no Médio Oriente, como o Hezbollah no Líbano, o Hamas, a Jihad Islâmica e os Houthis no Iémen.

Esta estratégia de guerra assimétrica, utilizando proxies (grupos financiados pelo Irão) para projetar poder sem um confronto direto, teve um custo astronómico para a nação. A grande maioria deste esforço financeiro também foi desviado para a Guarda Revolucionária e para o seu polémico programa nuclear, sacrificando o bem-estar do próprio povo em troca de poder e influência na região.

Historicamente, desde a revolução de 1979, o Irão nunca esteve verdadeiramente estável. Foram 47 anos de crises consecutivas, mascaradas pela repressão interna do regime. As sanções internacionais, prolongadas desde essa época, bloquearam o acesso do país às tecnologias mais recentes.

Nem mesmo os seus aliados quiseram arriscar a dar uma ajuda direta que os vinculasse ou que provocasse o cenário que hoje enfrentamos. O regime impôs uma repressão severa com base na religião, seja por mera conveniência política ou por crença em ensinamentos escritos há vários séculos.

Este processo despersonalizou um povo e criou uma profunda instabilidade social, política, regional e económica. Mesmo para quem observa de fora, torna-se difícil prever o desfecho.

Neste cenário atual, a instabilidade no Médio Oriente continua sem um fim à vista. O que estarão os protagonistas desta crise a esconder? O regime, mesmo com a “corda ao pescoço”, recusa ceder, preferindo sacrificar as atuais e futuras gerações ou ver regiões inteiras destruídas por décadas.

O risco do Irão colapsar sobre si mesmo e transformar-se num “Estado falhado”, de forma idêntica ao Iémen, à Líbia ou à da Somália.

Por isso, ao contrário do que muitos pensam, ainda não estamos perante o fim de uma era, mas sim no início de um capítulo ainda mais perigoso.



Comerciantes marcham no centro de Teerão contra a situação económica do país em dezembro de 2025.



Manifestação com o retrato de Mahsa Amini (2022). A sua morte sob custódia policial criou um dos maiores protestos contra a repressão religiosa do regime.

FACTOS RÁPIDOS

A ENERGIA SOLAR QUE ATINGE O PLANETA TERRA NUMA HORA PODERIA ALIMENTAR O MUNDO INTEIRO DURANTE UM ANO

O BANCO DE PORTUGAL FOI FUNDADO EM 1846 POR UM DECRETO DA RAINHA DONA MARIA II

O FILME INTERSTELLAR UTILIZOU EQUAÇÕES CIENTÍFICAS REAIS PARA CRIAR O SEU BURACO NEGRO

O PAPEL-MOEDA FOI INVENTADO NA CHINA DURANTE A DINASTIA TANG NO SÉCULO VII

O JOGO “DETROIT: BECOME HUMAN” APRESENTA MAIS DE 40 FINAIS DIFERENTES CONFORME AS ESCOLHAS REALIZADAS

A MAIOR ILHA DO MUNDO É A GRONELÂNDIA E FICA SITUADA NO OCEANO ÁRTICO



Disponível em versão Digital

www.jornalactivare.com

FACTOS RÁPIDOS

A PRIMEIRA CENTRAL NUCLEAR COMERCIAL DO MUNDO ENTROU EM FUNCIONAMENTO NA URSS EM 1954

A PRIMEIRA LINHA DE CAMINHO DE FERRO DE PORTUGAL FOI INAUGURADA EM 1856

A SÉRIE "THE MAN IN THE HIGH CASTLE" FOI INDICADA A UM TOTAL DE SETE PRÉMIOS EMMY EM 2016

A GUERRA MAIS CURTA ACONTECEU ENTRE O REINO UNIDO E O ZANZIBAR EM 1896 E DUROU APENAS 38 MINUTOS

O RELÓGIO DO APOCALIPSE FOI AJUSTADO PARA OS 85 SEGUNDOS EM JANEIRO DE 2026

O HÉLIO-3 QUE REVOLUCIONA A ENERGIA EM "DELIVER US THE MOON" EXISTE MESMO NA SUPERFÍCIE DA LUA E VÁRIOS PAÍSES JÁ TÊM PLANOS PARA O MINERAR NO FUTURO

OS ABACATES AMADURECEM MAIS DEPRESSA QUANDO ESTÃO PERTO DE UMA BANANA DEVIDO À LIBERTAÇÃO DE GÁS ETILENO QUE ACELERA O PROCESSO


UMA ÚNICA PASTILHA DE URÂNIO-235 COM 2,5 CM DE COMPRIMENTO CONTÉM MAIS ENERGIA DO QUE UMA TONELADA DE CARVÃO.





www.medicobra.pt

Fafe • 253 494 492

Cabeceiras de Basto • 253 661 458

 **Whatsapp** • 961 510 400

siga-nos    @medicobraseguros

As maiores curiosidades do mundo, todas as dúvidas que
você teve um dia finalmente esclarecidas

www.jornalactivare.com

ACTIVARE

Distribuição Gratuita - Jornal Trimestral

JUNHO 2026

Contacte-nos

@portalactivare / jornalactivare@gmail.com / jornalactivare.com